AMARANTE
(Gatão)

A igreja de paroquial de Gatão, da invocação de São João, situa-se a norte da sede concelhia, Amarante (distrito do Porto), de onde dista cerca de 4,5 km. Encontrando-se no centro daquela localidade e usando a ponte de São Gonçalo como referência, seguir pela Rua Cândido dos Reis até à Rua João Pinto Ribeiro (estrada N412) e daí até à rotunda, entrando na estrada N15. Na rotunda seguinte optar pela segunda saída e continuar pela EN210 (Rua Mário Cal Brandão) entrando à direita, pouco depois, no CM1206 (Avenida Padre João Marques), que segue junto à antiga linha de caminho-de-ferro (Linha do Tâmega) agora convertida em ciclovia / caminho pedonal. A igreja paroquial de Gatão surge ao fim de algumas centenas de metros, à direita, um pouco afastada do povoado.

O templo apresenta-se isolado, a meia encosta, numa plataforma que se prolonga longitudinalmente no sentido nascente-ponte, confinante com o cemitério, paralela à antiga linha de caminho-de-ferro do Tâmega.

Até 1882, a freguesia de Gatão pertenceu à arquidiocese de Braga sendo, posteriormente, integrada na diocese do Porto.

Igreja de São João Batista

A IGREJA DE SÃO JOÃO DE GATÃO encontrava-se já estabelecida em 1258, por ocasião das Inquirições de D. Afonso III: era então paroquial e pertencia ao Julgado de Celorico de Basto, cabendo a sua apresentação ao arcebispo de Braga, D. Martins Gonçalves, e a posse ao neto de *Pelagio* de *Tardinadi*. A inquirição refere, igual-



Perspetiva aérea do sudoeste

mente, que havia no lugar vinte e um casais, e que cinco deles eram pertença da igreja. A ajuizar pela avaliação dos coevos – sublinha Carlos Alberto Ferreira de Almeida, evocando um registo do dito ano de 1258, a propósito da inquirição à localidade da Lagoa Negra, em Esposende – quinze casais seriam mais do que o suficiente para suportar, em termos humanos e financeiros, o estabelecimento de uma paróquia.

Refira-se a propósito, na sequência do referido autor, que o estabelecimento ou reorganização paroquial, no Entre-Douro-e-Minho corresponde a um processo que se desenvolve em torno dos séculos XII e XIII, a partir de grupos de colonos que se organizam comunitariamente em torno de um orago e da igreja que o acolhe. É possível, assim, falar-se dos "filhos da igreja" – *filii ecclesiae*, de onde o vocábulo "fregueses" – sociedade de vivos a que, igualmente, se agregam os defuntos, uns tão presentes quanto os outros, todos ao redor da igreja.

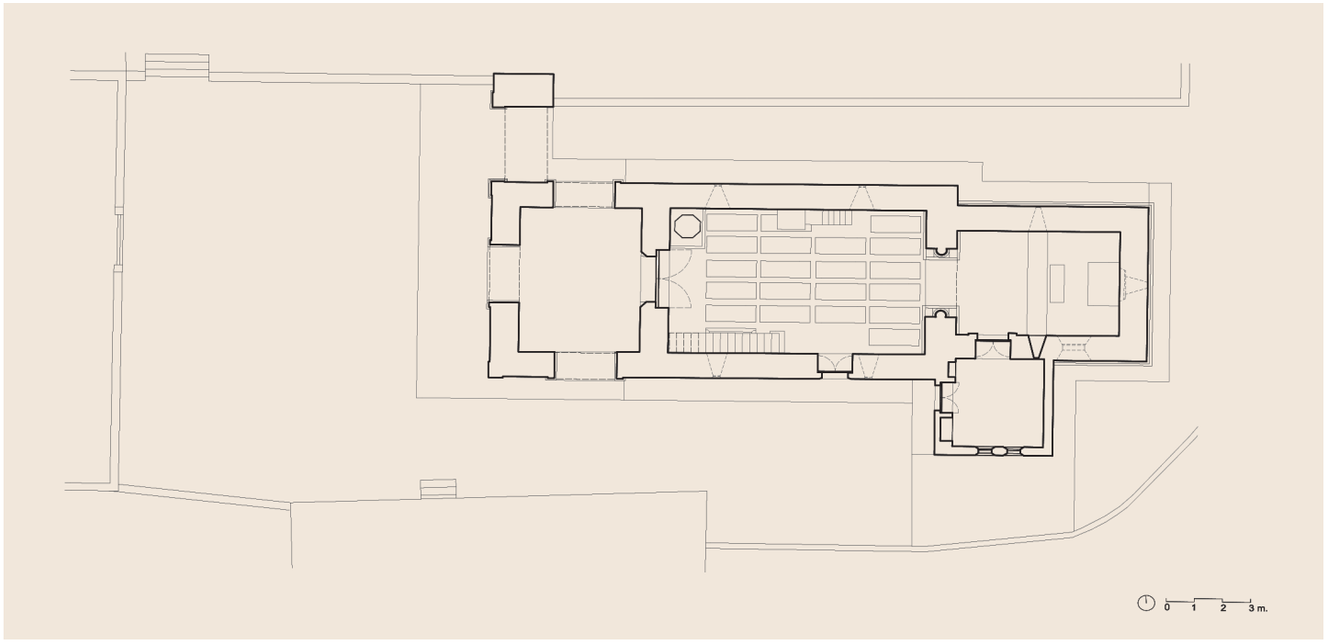
Seis décadas após o processo de inquirição suscitado por Afonso III, atrás referido, nos anos de 1320-1321, o Catálogo das Igrejas, comendas e mosteiros do reino, elaborado com o propósito de determinar os tributos que os institutos religiosos haviam de pagar para as despesas da Cruzada, confirma a ligação da igreja de Gatão ao Arcebispado de Braga, acrescentando que pertencia à Terra de Sousa. A igreja foi então taxada em 80 libras, um valor mediano, considerando o que fora estabelecido para a maioria das suas congéneres, longe, no entanto, das 1200 libras impostas a Telões ou das 400 a que ficou obrigada a comunidade de Freixo de Baixo.

As Memórias Paroquiais de 1758, redigidas pelo pároco João de Magalhães, registavam que a igreja era abadia da apresentação do arcebispo de Braga e a freguesia integrava, então, o concelho de Celorico de Basto. O templo, dedicado a São João Batista, tinha três altares. Na sequência das intervenções da DGEMN, de meados do século XX, os retábulos foram apeados, conhecendo-se apenas a sua descrição pelas referidas Memórias Paroquiais.

A igreja de São João de Gatão é de planta longitudinal, composta por capela-mor e corpo de nave única prolongado em galilé, que o telhado de duas águas à mesma altura integra num só corpo. A cabeceira também tem cobertura de duas águas, apresentando-se mais estreita e rebaixada que a nave, tal como era comum nas igrejas à época românica. Adossada à parede sul da capela-mor encontra-se a sacristia, construção quadrangular levantada na época moderna, com telhado de três águas. Comunica para o exterior por porta de verga reta, rasgada a oeste. A galilé apresenta três arcos de desenho idêntico, através dos quais se acede ao interior: um a norte, outro a sul, um terceiro no enfiamento do portal axial da igreja, a oeste. Do lado norte, adossado a esta estrutura e alinhado com o alçado da galilé, mas perpendicular a esta, ergue-se um campanário de dois registos e dupla sineira, da época mo-

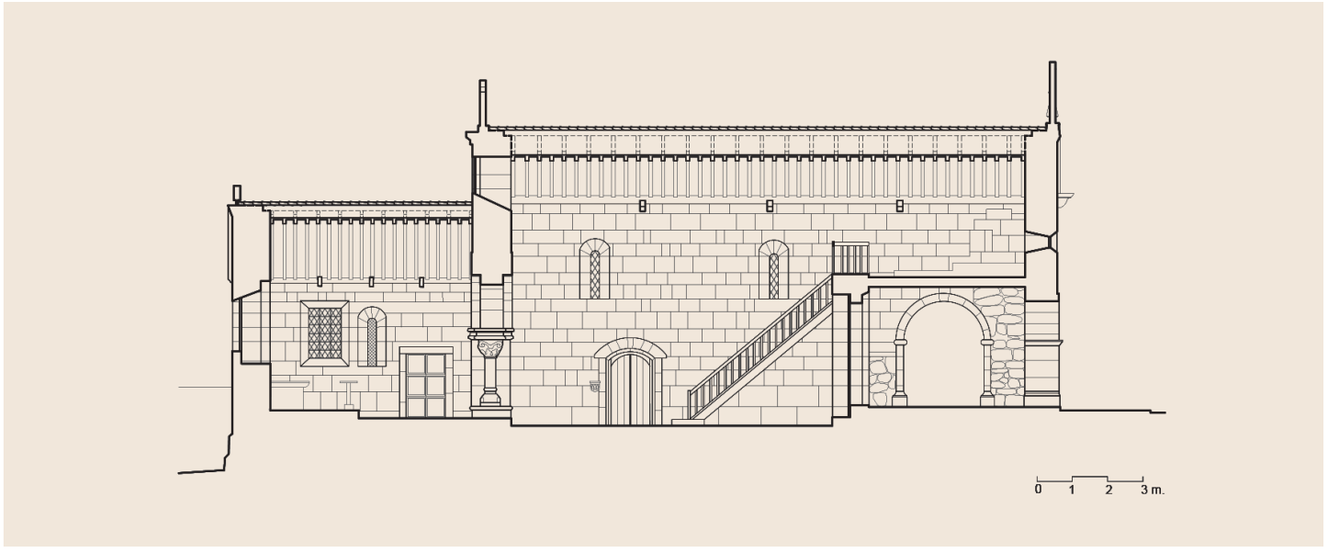


Exterior. Alçado norte. Capela-mor



Planta

Corte longitudinal



derna. O registo inferior é rasgado por um amplo arco de volta perfeita cuja elevação duplica a altura do portal da galilé, através do qual se acede pelo adro à fachada norte da igreja.

A capela-mor é a estrutura onde as marcas de origem românica se apresentam mais persistentes constituindo o elemento mais antigo do atual conjunto. Trata-se de uma construção quadrangular, edificada em aparelho pseudo-isódomo. De notar a presença de sapata nos alçados oeste e norte que compensa o desnível do pavimento. A parede de fundeira da cabeceira é rasgada por uma fresta muito estreita, de arco de volta perfeita, idêntica às dos lados norte e sul. A parede do lado sul é rasgada por um janelão retangular cuja feitura é já da época moderna e por uma estreita fresta, que se preservou e hoje está em parte oculta pela sacristia. Importa destacar que nos alçados norte e sul a cornija é sustentada por pequenas arcaturas assentes em mísulas, que neste caso se assemelham às que podem

ser observadas na igreja de São Pedro de Roriz (Santo Tirso) e na capela-mor da igreja do mosteiro de Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso). Trata-se de um motivo que se desenvolve em pequenos arcos sucessivos, produzindo um ritmo visual harmonioso e equilibrado. Carlos Aberto Ferreira de Almeida defende que esta solução parece ter-se disseminado a partir da Sé Velha de Coimbra, mais propriamente do lacrimal que se observa por cima do portal da fachada oeste.

O lado sul da nave conserva a sua configuração românica até ao arranque da galilé, claramente edificada na época moderna. O facto de não ter cachorros é sintomático do seu caráter tardio. Duas frestas estreitas abrem-se por cima do lacrimal que corre a meia altura do paramento, seccionando-o em duas metades, superior e inferior, o qual denuncia, juntamente com mísulas, a existência de uma antiga estrutura alpendrada. Abaixo deste, a meia distância entre as duas extremidades da nave, um portal simples, de arco ligeiramente quebrado, isento de decoração. É tardio, porque além de se inscrever na espessura do muro, não tem tímpano.

O alçado norte da nave é ainda mais contido, sendo apenas animado pela presença das estreitas frestas, não tendo portal a rasgá-lo.

Na extremidade oeste dos alçados norte e sul, de cada lado, um arco permite o acesso ao interior da galilé e ao portal axial que, deste modo, se encontra circunscrito a um espaço interior, de cobertura de madeira. A fachada oeste da galilé, rebocada a branco, apresenta-se muito contida, mas denunciando um sabor clássico que o arranjo dos três arcos atesta. O portal da matriz de Gatão confirma a cronologia tardia da fábrica da igreja. Compõe-se de duas arquivoltas ligeiramente quebradas, inscritas na espessura do próprio muro e que assentam diretamente sobre os seus pés-direitos. A arquivolta interna apresenta-se ligeiramente reentrante e a externa é ornada no seu exterior por duplo arco inciso. Junto ao portal, no lado norte, encontramos uma pia de água-benta, em granito.

O interior do templo é dominado pelo granito dos paramentos. Não obstante as intervenções ocorridas no decurso da época moderna e o facto de a nave ainda conservar uma espacialidade medieval, como destacam Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, é na capela-mor e no arco triunfal que as marcas românicas se apresentam de um modo mais consistente. A abside apresenta-se em granito aparente e as frestas da parede testeira e dos alçados laterais alargam-se no interior, permitindo assim uma maior entrada de luz. A da parede fundeira é mais elaborada porque se orna de toro diédrico. As laterais não têm decoração.

Devemos referir que a ladear a fresta da parede testeira se conserva um conjunto de pinturas murais, obra quinhentista, que originalmente integrava as figurações do orago, *São João Batista,* ao centro – destacada no decurso das obras de restauro levadas a cabo, em meados do século XX, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), pois obstruia a fresta axial, convertida em nicho – a norte *Cristo a caminho do Calvário*, e no painel do lado sul a figura de *Santo António*.

O arco triunfal da igreja paroquial de Gatão é constituído por duas arquivoltas quebradas, bem esquadriadas e

Cornija da capela-mor



Exterior. Alçado oeste. Portal





Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

lisas, superiormente envolvidas por um friso de tipo enxaquetado. A arquivolta interior apoia-se sobre duas colunas adossadas onde se destacam os capitéis, lavrados com túrgidos motivos vegetalistas e enrolamentos, diferentes um do outro. Carlos Alberto Ferreira de Almeida sublinhou o seu carácter tardio e notou neles semelhanças com peças existentes na Colegiada de Guimarães. Um colarinho simples demarca-os relativamente ao fuste da coluna, formada por vários tambores. As impostas, de ressalto duplo, prolongam-se ao longo da parede fundeira da nave, à maneira de frisos e as bases das colunas apresentam plinto ornado com motivos fitomórficos incisos. Por cima do arco triunfal, no seu eixo, uma representação do *Calvário* e sobre ele uma pequena fresta com arco de volta perfeita, hoje em parte oculta. A composição do referido fresco, cuja cronologia tem sido proposta para a segunda metade do século XVI, obedece aos cânones convencionais: Cristo crucificado ladeado pela Virgem e São João Evangelista.

A nave é dominada pelo granito, sendo de destacar as duas frestas rematadas por arcos de volta perfeita e com alargamento para o interior, concebidas bem ao modo românico, em cada um dos paramentos. No interior da igreja persistem alguns elementos concebidos durante a época moderna como o púlpito e o coro alto. Trata-se de uma estrutura pétrea sobre o portal principal e que prolonga a espacialidade interna do templo para o espaço correspondente à galilé, à qual se acede por uma escada de madeira, situada a sul.

No lado do Evangelho, junto da entrada da nave, a pia batismal, que assenta sobre coluna de fuste truncado com base, monolítica, de feição tardo-medieval.

Destacando a simplicidade da sua conceção, Carlos Alberto Ferreira de Almeida considera que a construção da igreja de Gatão terá tido lugar em torno de meados do século XIII ou no decurso da sua segunda metade. A ocorrência de vários programas pictóricos, quinhentistas, na igreja de São João de Gatão constitui motivo acrescido de interesse quando se analisa o templo. Os seus vestígios são significantes e mostram bem como as igrejas edificadas durante a época românica foram sendo facilmente atuali-



Interior. Arco triunfal. Pormenor

zadas consoantes os gostos artísticos e as suas necessidades. O caráter plano da maior parte das igrejas românicas permitiu que nelas se criassem interessantes programas pictóricos ou azulejares.

Em 1940, a igreja de São João de Gatão foi classificada como Monumento Nacional seguindo-se uma vasta campanha de restauros, na sequência da descoberta dos frescos medievais. Em 2010, passou a integrar a Rota do Românico.

Texto: JL/MC - Fotos: RR - Planos: MF (sobre DRCN/RR/JC/IN)

Bibliografia

Afonso, L.U., 2009, pp. 353-356; Almeida, C.A.F., 1971, p. 226; Almeida, C.A.F., 1986a, p. 101; Almeida, C.A.F., 1986b, pp. 114-115; Almeida, C.A.F., 2001, p. 124; Almeida, F., IV, p. 106; Bessa, P., 2007a, pp. 190-194; Boisselier, S., 2012, p. 149; Costa, A.C., 1706-12, p. 149; Lacerda, A., 1937, pp. 251-255; Mem. Paroq. 1758 (2009), pp. 160-162; Pmh, Inq., pp. 630-631 (de 1258); Rosas, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 276-297; SIPA.